

Remanescentes defendem envio de anteprojeto

BRASILIA — Os remanescentes das constituintes de 1934 e 1946 com mandato parlamentar defendem o envio ao Congresso pelo Executivo de um anteprojeto de Constituição e temem dificuldades na próxima Assembléia Nacional Constituinte. São os Senadores Amaral Peixoto (PDS-RJ) e Luiz Viana (PDS-BA) e os Deputados João Agripino (PMDB-PB), Ernâni Sátiro (PDS-PB) e Manoel Novaes (PDS-BA) (o único que foi Constituinte também em 1934).

Amaral Peixoto, Presidente do PDS, considera conveniente que a reunião da Constituinte seja precedida por um trabalho elaborado por uma comissão, pois a Assembléia terá "um ponto de partida", ainda que possa rejeitar a proposta. Luiz Viana também entende que um anteprojeto pode facilitar as atividades da Constituinte e Manoel Novaes julga o critério razoável, porque um documento da importância de uma Constituição "não pode ser elaborado nem às pressas, nem sujeito a uma massa de emendas".

Novaes observou que em 1946, quando foram apresentadas 4.092 emendas ao projeto elaborado pela "grande comissão" formada na Assembléia, o tumulto foi maior do que em 1934, quando o Governo enviou um anteprojeto.

As preocupações dos cinco parlamentares — além deles, é remanescente de 1946 o Deputado Magalhães Pinto (PDS-MG), em licença de saúde — são as mais variadas. Amaral Peixoto receia, pelo sentimento que capta no País, que a Assembléia seja muito agitada e João Agripino teme que a nova Constituição seja de tal forma liberal que cometa o mesmo erro da de 1946, que conferiu ao Congresso "poderes excepcionais" e, com isso, "emperrou a administração".

Agripino — que participou da "grande comissão" de 1946, examinando em subcomissão o capítulo "Do Poder Executivo" — diz que se assusta com alguns fatos que, em sua opinião, podem ser relevantes para a elaboração de uma Constituição: hoje na Câmara não há nem um jurista e, de 1946 até hoje, "as lideranças escassearam".

— Falta espírito público e não se faz uma Constituição sem isso — acrescentou. Não creio que os constituintes de 1988 sejam de melhor nível do que os congressistas de hoje, porque o melhor nível foi o de 1946 e, a partir daí, vem sempre decrescendo.

Novaes está convicto de que "uma luta ideológica tremenda vai se dar no seio do Congresso" e admite a possibilidade de as forças conservadoras atuarem de tal forma "que a Constituição não venha bem ao agrado daqueles que não são nem conservadores nem de esquerda".

Com 50 anos de vida pública, Sátiro concentra suas preocupações na "verdadeira trituração" por que passará o anteprojeto do Executivo, se vier a ser encaminhado.

O descrédito na força que a esquerda terá dentro da próxima Assembléia é comum: Sátiro acha que "as esquerdas serão vencidas nos primeiros debates", Amaral prevê que a maioria do povo "não se deixara influir pela esquerda" e Novaes arrisca que os comunistas não farão prevalecer suas teses, com o que concorda Agripino.